

FORÇAS VIVAS DA UNIVERSIDADE ¹

Naomar de Almeida Filho, Reitor da UFBA

Alguns membros da comunidade universitária têm defendido um ponto de vista sobre a situação atual da Universidade Federal da Bahia que, por suas implicações, merece nossa apreciação crítica.

Primeiro, lamentam os danos à imagem da UFBA resultantes da ação de alguns estudantes que, inconformados com deliberações de conselhos superiores da UFBA, em vez de usar o direito de recurso pelas vias institucionais cabíveis, de pronto desencadearam reações em cadeia que terminaram por prolongar desnecessariamente a greve estudantil.

Realmente, apesar da reconhecida qualidade da maioria dos seus cursos e da recente abertura da universidade à sociedade, com interiorização do vestibular e programas de ação afirmativa, cada vez menos estudantes nela querem entrar ou permanecer devido a sucessivos atrasos no calendário. Neste ano, observou-se o menor contingente de candidatos dos últimos tempos, sendo que um quarto dos que ganharam isenção de taxa desistiu da inscrição.

Segundo, para os defensores dessa perspectiva, tais episódios teriam ocorrido por leniência da autoridade acadêmica, supostamente refém de sistemas democráticos de escolha de dirigentes.

Discordamos frontalmente. A Constituição de 1988 determina que todo órgão público seja regido por princípios democráticos. Isto é mais ainda justificado no tocante a instituições de formação superior. A principal função do dirigente consiste em implementar deliberações de instâncias colegiadas, respeitando a autonomia intelectual de docentes, pesquisadores e criadores, cultivando todas as formas de diálogo e negociação. Por isso, o gestor universitário hoje representa autoridade, mas não autocracia.

Terceiro, crêem que a universidade pública brasileira, e a UFBA em particular, passa por grave crise, expressa principalmente pelo enfraquecimento de valores acadêmicos clássicos.

Podemos concordar que primazia do mérito e hierarquias alicerçadas no saber, na ciência, na arte e na cultura constituem valores do espírito universitário em todo o mundo, independentemente de sociedade, regime e época. Mas discordamos que a universidade sofra de crise pela decadência de valores intelectuais históricos que teria esgarçado seu tecido institucional. Pelo contrário, a universidade brasileira passa por profunda crise de transformação, com “dores de crescimento” resultantes de processos de mudança institucional.

Neste momento, círculos se fecham, extremos se aproximam. Constata-se insuspeita convergência entre esquerdismo universitário e perspectivas elitistas. Tanto nostálgicos da torre de marfim quanto aprendizes da intolerância parecem desconhecer a atual

¹ - Artigo publicado em A Tarde, pg. 2, 13 de novembro de 2004.

complexidade da instituição acadêmica ou a necessária inserção da universidade na sociedade contemporânea.

Uns negam a sociedade política e crêem que bastam hierarquia e disciplina para garantir formação universitária e produção de cultura e ciência. Outros ignoram a história e acham que mundo, sociedade e cultura podem ser entendidos de modo maniqueísta e transformados a golpes de força.

Por antinomia apenas aparente, chegam à mesma conclusão: é preciso barrar as mudanças que se descortinam (e muito incomodam). Enquanto alguns parecem querer destroçar o patrimônio social que, no discurso, todos alegam defender, desvaloriza-se a universidade pública e cada vez mais se fortalece o setor privado de ensino superior.

Felizmente a UFBA reage. Servidores coligam-se em defesa da instituição. Docentes despertam de longa letargia e começam a organizar formas novas de participação e construção política. Parte do movimento estudantil luta contra seus fantasmas e reavalia suas práticas. Setores excluídos da sociedade vêm demandar seu lugar na instituição renovada e reafirmam o potencial emancipatório da educação. Enfim, forças vivas da construção institucional começam a reparar desmandos por inação e pela falta de responsabilidade política.

A universidade elitista, alienada do povo e do mundo, fragmentada em departamentos e disciplinas, dirigida de modo patriarcal, dominada pela autocracia vitalícia das cátedras, pertence ao passado. Como tal, deve ser apenas lembrada e não mais evocada. A universidade populista, isolada das redes artísticas, culturais e científicas do mundo civilizado, desmembrada em segmentos e indisciplinas, dirigida de modo corporativo, dominada pela demagogia de mobilizações episódicas, não tem futuro. Como tal, sequer se constitui em modelo de utopia acadêmica.

Neste milênio, uma nova governança baseada em conceitos renovados de democracia e em formas atualizadas de organização, com estruturas matriciais leves e flexíveis, vem substituir modelos de gestão acadêmica antigos e ultrapassados. Redes e teias, inter e transdisciplinares, vêm superar velhos tecidos, rígidos, pesados e impermeáveis. O que parece lassidão ou esgarçamento institucional, de fato implica maleabilidade, permeabilidade e porosidade, propriedades de sistemas dinâmicos, abertos a mudanças e a maior intensidade de trocas com seu meio.

Não seria esta justamente a essência da nova instituição de conhecimento que, tudo indica, em breve merecerá o nome de universidade?